



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR

NAIOLA PAIVA DE MIRANDA

ELEMENTOS DA FORMAÇÃO DOCENTE DO TUTOR
NA EDUCAÇÃO SUPERIOR SEMIPRESENCIAL

Fortaleza, CE

2011

NAIOLA PAIVA DE MIRANDA

**ELEMENTOS DA FORMAÇÃO DOCENTE DO TUTOR
NA EDUCAÇÃO SUPERIOR SEMIPRESENCIAL**

Monografia apresentada a Coordenação do Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Centro de Desenvolvimento e Treinamento da Universidade Federal do Ceará.

Orientador: Prof. Dr. Nicolino Trompieri Filho

Fortaleza-CE

2011

NAIOLA PAIVA DE MIRANDA

**ELEMENTOS DA FORMAÇÃO DOCENTE DO TUTOR
NA EDUCAÇÃO SUPERIOR SEMIPRESENCIAL**

Esta monografia foi julgada adequada à obtenção do grau de Especialista em Docência do Ensino Superior e aprovada em sua forma final pelo Curso de Especialização em Docência do Centro de Desenvolvimento e Treinamento da Universidade Federal do Ceará.

Data da aprovação: ____/____/____

Prof. Gláucia Maria de Menezes Ferreira
Coordenadora

Prof. Dr. Nicolino Trompieri Filho
Orientador
Universidade Federal do Ceará

Dedico este trabalho a minha querida sogra
Deuzarina Bitencourt de Miranda, por ter me
dado um tesouro.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, fonte de toda inspiração!

Aos meus Pais (IN MEMORIAN)

João Batista de Paiva e Alzira Ferreira Paiva

Razão de chegar até aqui...!

Ao meu esposo Francisco Bitencourt de Miranda

Pelo incentivo, apoio e paciência.

A minha filha Quézia Paiva de Miranda

Pelo carinho, compreensão e ajuda.

Ao Caro Prof. Dr. Nicolino Trompieri Filho,

Meu orientador, nosso decano que só faz o bem a todos

Pelo conhecimento, cultura e experiência.

Aos meus professores que marcaram esta linda trajetória

Aos meus colegas de sala de aula

Pela amizade construída

A Deus seja a glória !

Não há docência sem discência
Paulo Freire

RESUMO

Os Elementos formadores da docência na Educação superior semipresencial são o foco desse trabalho que objetiva conhecer os elementos formadores da docência. Especificamente analisar esses elementos, bem como compreender a sua racionalidade, destacar a sua importância na prática educativa semipresencial. O referencial teórico está embasado em uma pesquisa bibliográfica. A tessitura do primeiro capítulo versa sobre a docência na educação superior semipresencial o segundo capítulo aborda os elementos formadores da docência, seu significado e suas contribuições para a ação do tutor. Na sociedade contemporânea, a formação docente numa concepção pós moderna, apresenta uma visão que relaciona conhecimento, cultura e tecnologia. Diante desses pressupostos o interesse por esse estudo, deu-se por ocasião do curso de especialização em docência do ensino superior, com o enfoque na ação do tutor que para tanto enuncia-se o seguinte questionamento: O que é necessário para que o tutor desenvolva a ação tutorial com eficácia na educação superior semipresencial? Considera-se que o enfoque desse estudo é relevante em várias dimensões, no sentido de que tanto em relação a aula presencial e ao acompanhamento no ambiente virtual de aprendizagem, a formação docente influencia diretamente na ação do tutor no processo ensino-aprendizagem.

Palavras Chave: Docência; Tutor; Educação semipresencial.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO SEMIPRESENCIAL	10
1.1 A Perspectiva da Educação a Distância.....	12
2 ELEMENTOS FORMADORES DA DOCÊNCIA	15
2.1 O construto da identidade do Tutor	16
2.2 História de Vida	18
2.3 Formação docente.....	19
2.4 Prática Docente	21
2.5 Saberes Necessários à Docência	22
2.6 Ética e a Docência	25
3 CONSIDERAÇÕES GERAIS	32
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

Os Elementos da Formação docente do tutor na educação superior semipresencial ratificam a ação do tutor na aula presencial e no ambiente virtual de aprendizagem.

Torna-se essencial compreender que a Educação institucionalizada, formalizada e escolarizada, nos seus diversos níveis e especificamente a educação superior é passível das contingências da globalização, em que o conhecimento cada vez mais requisitado como força produtiva gerou o multiculturalismo e que nesse momento de transição implica diretamente no perfil da formação docente.

Na sociedade contemporânea a formação docente numa concepção pós-moderna, apresenta uma visão que relaciona conhecimento, cultura, poder e tecnologia. Diante desses pressupostos o interesse por esse estudo, deu-se por ocasião do curso de especialização em docência do ensino superior, com o enfoque na ação do tutor que para tanto enuncia-se o seguinte questionamento: O que é necessário para que o tutor desenvolva a ação tutorial com eficácia na educação superior semipresencial?

Considera-se que o enfoque desse estudo é relevante em várias dimensões, no sentido de que tanto em relação a aula presencial e ao acompanhamento no ambiente virtual de aprendizagem, a formação docente influencia diretamente na ação do tutor no processo ensino-aprendizagem.

Na dimensão acadêmica enriquece o campo do conhecimento com a fundamentação teórica, contribui para com a escrita acadêmica, no debate e na conscientização da necessidade de que a formação deve ser eficaz, eficiente e efetiva. pois está diretamente correlacionado e interligado.

O estudo teve como objetivo geral: Conhecer os elementos formadores da docência. Especificamente compreender esses elementos, bem como discutir a sua racionalidade, destacar a sua importância na prática educativa semipresencial.

O referencial teórico está embasado em uma pesquisa bibliográfica na tessitura do primeiro capítulo que versa sobre a docência na educação superior semipresencial e no

segundo capítulo aborda os elementos formadores da docência, seu significado, e suas contribuições para a ação do tutor.

A influência dessa docência está na sua eficácia que vai promover diretamente a aprendizagem do aluno, o conhecimento adquirido, aprendizagem compartilhada, colaborativa, sistematizada que se torna como um dos objetivos desse processo ensino-aprendizagem.

1 DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO SEMIPRESENCIAL

A globalização e suas inovações tecnológicas, atualmente tem direcionado, o mundo, a sociedade e as instituições a passarem por momentos de mudanças e transformações rápidas e imprevisíveis. E esse processo social tem gerado o consumismo, a competição, o individualismo, o utilitarismo, a marginalização, a discriminação racial e a competição, valores esses, desumanos que contribuem para exarcebamento do ser humano.

A evolução dessas concepções nas construções históricas ao longo do tempo, conduziram o homem cada vez mais ao desenvolvimento e que a ciência a cultura a comunicação e a educação contribuíram para que esse processo de multiculturalismo em alguns momentos se direcionasse em favor do interesse público e bem comum

Essa evolução atingiu a sociedade que se tornou a sociedade da informação e comunicação, cognominada sociedade do conhecimento. Em que os seus transeuntes cada vez mais precisam ter uma visão de mundo, visão holística, atentando para as posturas do Ser e Estar.

O conhecimento decorre das experiências do cotidiano do homem que inicia desde a mais tenra idade até ao final da vida. Esse conhecimento vai se desenvolvendo na medida em que esse indivíduo começa o seu processo de socialização e escolarização, e que através da palavra falada, escrita e visualizada vai criando construções históricas no amadurecimento desse conhecimento adquirido.

Nessa premissa a utilização das tecnologias segue produzindo mudanças irrevogáveis em todas as áreas da vida humana e nas instituições e precisamente nas instituições educacionais. Essas mudanças na área educacional têm contribuído para que novas formas de aprender e ensinar adquiram novas perspectivas, tendências, modalidades e alcance.

E a Educação superior tem sido desafiada a integrar esse novo processo educativo que é executado pela Educação a distância (EaD) que tem sido realizado a distância ou semipresencial.

Em se falando de Educação superior toma-se como base teórica a universidade que é o centro de produção da cultura, do conhecimento e das tecnologias, no seu tripé, ensino, pesquisa e extensão, voltada para a formação do cidadão, para inserção da crítica, produzida no mundo do trabalho e da sociedade.

A universidade tem autonomia científica, tecnológica, pedagógica, administrativa, financeira e patrimonial para exercer a sua função social, esta autonomia não significa isolamento, mas inserção relacional e articulada entre as áreas da Educação superior e nos demais níveis de ensino na sociedade civil.

Não se trata de uma instituição passiva, abstrata, acomodada, mas uma instituição de uma visão pluralista e multidimensional que como advoga Balzan (2003, p.9), que esta, “se constrói nos movimentos das relações e das forças que se produzem em seu cotidiano”. Por isso nessa dinamicidade se caracteriza dentro dos processos e relações que são públicos, mas também processos e relações sociais que se reproduzem em fatos sociais.

A Universidade se insere na crescente consciência sobre a necessidade de melhorar a qualidade da educação. Por isso exerce papel importante e preponderante no projeto da ampliação dos patamares educacionais da população brasileira, no sentido de garantir não só o acesso, mas a permanência, o sucesso do educando e a universalização do conhecimento.

Litwin (2001, p. 46), contextualiza que “O desafio para a universidade consiste hoje em oferecer novas formas de acesso aos conhecimentos, favorecendo a compreensão de ideias e o pensamento analítico e crítico através do uso das novas tecnologias da informação”.

Percebe-se que a Universidade tem se mobilizado na expansão da Educação Superior e se inserido nesse novo momento de profundas mudanças advindas da globalização, e nas novas demandas de modalidades de educação. Rosco (2011, p. 16) contextualiza a respeito dessas mudanças e evoca que,

O novo vocabulário da educação superior evidencia que a sociedade moderna está chegando a outras definições de conhecimento e raciocínio. As noções e habilidades, vocação, capacidade de transmissão, competências, resultados, aprendizagem pela experiência, capacidade e iniciativa tomadas em conjunto, são sinais de que as definições tradicionais de conhecimento já não são consideradas adequadas para os problemas da sociedade contemporânea.

Percebe-se ainda, que a inserção da Universidade nessa evolução tecnológica veio dar um avanço a fase da oralidade, a fase da escrita e agora a fase digital. Nova linguagem, novos comportamentos, enfim novo modo de aprender e ensinar permeia a Educação superior através da Educação a distância (EaD) semipresencial.

Na EaD a educação semipresencial se constitui de encontros presenciais e acompanhamento ao aluno através do ambiente virtual de aprendizagem. Essa nova forma de ensinar e aprender tem requerido um corpo de profissionais da educação com qualificação adequada para atuar na docência através da tutoria nas mídias digitais. Essa qualificação implica em uma boa formação formação docente.

1.1 A Perspectiva da Educação a Distância

No Brasil, a modalidade de educação a distância obteve respaldo legal para sua realização com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece, em seu artigo 80, a possibilidade de uso orgânico da modalidade de educação a distância em todos os níveis e modalidades de ensino.

O artigo 80 da LDB 9394/96 foi regulamentado posteriormente pelos Decretos 2.494 e 2.561, de 1998, mas ambos revogados pelo Decreto 5.622, em vigência desde sua publicação em 20 de dezembro de 2005.

No Decreto 5.622, ficou estabelecida a política de garantia de qualidade no tocante aos variados aspectos ligados à modalidade de educação a distância, notadamente ao credenciamento institucional, supervisão, acompanhamento e avaliação, harmonizados com padrões de qualidade enunciados pelo Ministério da Educação

O avanço das tecnologias tem marcado uma nova era da virtualidade para a educação no que diz respeito a modalidade da educação a distância. Que desponta para dar chances a quem não teve ou não tem oportunidades de frequentar a aula presencial..

A construção do saber nesta modalidade, vem objetivar a relação espaço-tempo, em que tanto o tutor como o aluno vão interagir de uma forma sistemática, organizada e responsável a fim de que o processo educativo seja realizado a contento.

A Educação superior a distância vale-se ainda dos Referenciais de qualidade para educação superior à distância (RQESAD), editado pela Secretaria de educação à distância em agosto de 2007 que exerce a função de um documento balizador junto ao ordenamento legal vigente e alcança também a todos os níveis de ensino que forem ofertados a distância.

Os referenciais de qualidade para a educação superior à distância, apresentam tópicos relevantes, a saber:

- I A concepção de educação e currículo no processo de ensino e aprendizagem
- II Sistemas de comunicação
- III Material didático
- IV Avaliação
- V Equipe multidisciplinar
- VI Infra-estrutura de apoio
- VII Gestão acadêmica-administrativa
- VIII Sustentabilidade financeira.

No item V- Equipe multidisciplinar discorre sobre o papel do tutor a distância, como um sujeito diretamente envolvido na prática pedagógica e que obviamente necessita de saberes para atuar no desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem de seus educandos, objeto deste estudo.

Esse novo olhar de educação de qualidade é o grande mote da educação superior que valida o processo do ensino-aprendizagem na articulação do conhecimento como prática social, que evidencia um processo histórico e cultural, interativo, colaborativo, dialógico na forma presencial ou semipresencial no que concerne a autonomia.

Dentro dessa amplitude que a universidade se envolve e atua na formação docente no nível superior. Enfim a autonomia desperta no sujeito da aprendizagem o desejo de aprender e a exercer cidadania.

Dias & Leite (2010), comentam sobre a autonomia na EaD e apontam algumas dimensões que se considera importante mencionar nesse trabalho tais como: a dimensão ontológica, a dimensão política, a dimensão afetiva a dimensão metodológica, a dimensão técnico - instrumental e a dimensão operacional.

A dimensão ontológica é a que acompanha o ser humano no seu crescimento e que começa a se desenvolver segundo os estudos de Piaget, no estágio operatório formal a partir dos 12 anos de idade. O sujeito adquire a consciência social, a necessidade de interação e compartilhamento. Dias & Leite (2010), Nunes & Silveira (2008).

A dimensão política integra a um compromisso que envolve ética profissional, relação essa desenvolvida entre educando e professor na educação presencial e entre educando e tutor na educação semipresencial. Dias & Leite (2010).

A dimensão metodológica envolve o momento da espera, em que o aprendiz na relação aluno e material didático vai expressar os seus saberes e o professor e ou o tutor a distância vai indicar o caminho a ser seguido para cada atitude e atividade. Dias & Leite (2010).

A dimensão técnico-instrumental reside no fato de que o educando se encaminha para efetuar a aplicabilidade da sua aprendizagem, é o momento prático em que pesquisa em outras fontes de conhecimento e posta seus trabalhos, compartilha com o grupo essas pesquisas, exerce dessa forma com segurança a sua autonomia.

A dimensão operacional é a utilização, o domínio dos recursos tecnológicos que redimensionam o tempo e o espaço em que o educando constrói a sua aprendizagem no ato educativo.

Discutir os elementos da docência na educação superior semipresencial se constitui um desafio, em meio a sociedade contemporânea, que se destaca com inovações que influenciam diretamente nas práticas educativas. É que no presente momento, às vezes se depara com a falta de conscientização das autoridades em investir mais na formação continuada dos professores, incentivar a qualificação, com mais oportunidade de vagas, turnos, concessões para cursar, sem ter que perder o emprego. Uma vez que a formação qualifica o professor, para ensinar melhor, e concomitante os resultados avaliativos da aprendizagem serão melhores.

2 ELEMENTOS FORMADORES DA DOCÊNCIA

O estudo dos elementos formadores da docência está estruturado em seis dimensões: A primeira aborda o construto da identidade. A segunda evoca a história de vida. Na terceira se discute a formação docente. Na quarta verifica-se os saberes. A quinta comenta sobre a prática docente e a sexta se contextualiza a ética.

A docência tem sido motivo de frequentes discussões e inquietações no mundo pós-moderno. A globalização e as desigualdades sociais. A diversidade cultural e a pluralidade de indivíduos, levam a questionamentos que influenciam diretamente na pessoa, na formação, no trabalho e na profissão do professor. Por isso a temática Elementos formadores da docência, estuda os elementos que são significativos e indispensáveis nesta prática educativa.

O grande desafio da educação é oferecer um ensino de qualidade e a escola, a universidade, como instituição social e educativa, tem um papel relevante na apropriação, disseminação, e construção do conhecimento.

Refletir o papel da escola, universidade exige rever a formação docente na sala de aula quer seja presencial ou virtual uma vez que as discussões sobre o assunto têm galgado patamares ideológicos.

Tardiff e Lessard (2008, p.55) evocam que “Desde que a docência moderna existe, ela se realiza numa escola, [...]”. Considera-se que, a temática é de grande relevância no contexto do cenário educacional vigente em que esses elementos exercem papel fundante e se tornam como condição *sine qua nom* para o exercício e condução da prática pedagógica no interior da sala de aula quer seja presencial ou virtual.

Quando se reflete sobre os elementos formadores da docência abrem-se as perspectivas de descobertas para o profissional em si mesmo. Como o objeto desse estudo está focado para o tutor na educação semipresencial, depara-se com o seguintes questionamentos sobre o que é o tutor, quem é o tutor, o tutor é um professor, todo professor pode ser tutor?

A palavra tutor tem vários significados, dependendo em que área vai ser utilizada. Em se tratando de educação semipresencial, significa aquele que acompanha o aluno na sua trajetória escolar durante a disciplina ministrada quer na aula presencial e quer no ambiente virtual de aprendizagem.

Mas ainda se indaga quem é o tutor, sabe-se que é um profissional da educação licenciado que faz a mediação da disciplina ao aluno, mas a sua profissionalidade ainda não está definida na função que exerce como tutor.

Acredita-se que os elementos necessários a essa prática estejam direcionados a que essa docência contribua para que seja um profissional questionador, criativo, competente, flexível e com habilidade para enfrentar os desafios, que não se sinta o dono da verdade absoluta, mas, que no ensinar encontre sempre uma forma de aprendizagem para si mesmo na construção da sua identidade.

2.1 O construto da identidade do Tutor

A educação como processo de humanização, produz ao homem a inserção no contexto social e as mudanças e problemas provenientes desse contexto tais como: a desestruturação da família, a indisciplina, a violência urbana, os desrespeito aos valores humanos tem se feito como cobranças de atribuições que ultrapassam os limites de responsabilidades dos professores. E esse quadro social influencia na sala de aula e requer a ressignificação da identidade do tutor.

Essa identidade ao se ressignificar não se constitui em um produto de um resultado obtido, mas Kaddouri (2009, p.24) diz que convém “ analisá-la como um processo em perpétua construção, desconstrução, reconstrução. Tratando-se de um encaminhamento e não um fechamento, a identidade não é a soma de uma vida [...] mas um vir a ser cujo futuro se constrói constantemente.

O autor se debruça sobre a temática em que essa identidade se encaminha através das relações interativas do dia a dia e ao longo da sua profissionalidade. É um movimento cíclico que em cada fase, ou seja, de construção, desconstrução ou reconstrução, o docente se depara com o novo.

O tutor passa por esse processo, uma vez que a cada disciplina, cada turma, cada pólo que trabalha, consigna em sua identidade novas aprendizagens e adaptações. Por conseguinte necessita de novas estratégias e metodologias para promover a aprendizagem dos seus alunos.

O microespaço da sala de aula, seja presencial ou virtual, também apresenta uma gama de complexidade de fatores que exigem do tutor não só o saber pedagógico, mas que a sua identidade seja consolidada no fazer docente como atividade teórica e prática, de tal modo que o ser e estar sejam evidentes em um profissional que seja crítico e reflexivo e que se auto afirma no processo da construção do conhecimento.

Questiona-se na educação semipresencial, a figura do tutor, o que é ser tutor. Ser tutor não depende só da teoria e prática pedagógica, é um conjunto de elementos pessoais na vida do profissional que podem interagir de forma positiva ou negativa na sua prática diária na sala de aula. Por isso convém atentar para o processo do ensino e aprendizagem e o objeto em formar cidadãos críticos e éticos.

A identidade é um processo que vincula a vida do homem para identificá-lo, conforme diz Silva (2007, p. 9), “...a identidade é relacional. [...] está vinculada também a condições sociais e materiais”. A eficácia do trabalho do tutor depende de alguns elementos, tais como: visão de mundo do professor, das características da sua vida familiar, suas convicções políticas, ética, vocação, personalidade e até sua satisfação profissional.

A identidade vincula ao trabalho a sua marca e o mesmo no que se desenvolve. A sua profissionalidade como categoria que até então é reconhecida como colaborador, pela Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Ainda se questiona a ação do tutor no que concerne às atividades que realiza. É importante observar que a profissionalização abrange desde a formação profissional que integra a inicial e continuada até as condições de trabalho que esse tutor tem como garantia para a realização do seu trabalho e alcançar os objetivos definidos.

O que se percebe é que ainda não se tem garantias individuais caso haja acidentes, garantias trabalhistas, considera-se então como um profissional autônomo. Porém com responsabilidades a rigor, em dar o conteúdo da disciplina nos encontros presenciais e aplicar provas presenciais, cumprir horários, efetuar deslocamentos para outras cidades, acompanhar

o aluno diariamente no ambiente virtual de aprendizagem, garantir e mediar a aprendizagem, motivar o aluno a encerrar a disciplina e a continuar no curso.

A identidade do tutor é construída por esses elementos, que tendem a possibilitá-lo a refletir e ser flexível diante de suas próprias atitudes e posturas perante o outro e a sociedade.

Farias (2008, p. 56), evoca alguns elementos com muita propriedade e diz que a identidade se constitui em “um processo sócio histórico [...] que “ressalta a história de vida, a formação e a prática docente. Elementos esses que são indispensáveis na formação docente.

Portanto o processo de formação reflete diretamente na identidade do tutor no que ele é e no que ele faz, partindo de um princípio de que a sua formação acadêmica contribui para a formação da sua identidade. Se boa, ou má eis a questão que causa inquietação.

2.2 História de Vida

Quando se fala em tutor tem-se uma concepção do ser professor e do que somente realiza em sala de aula, mas Nóvoa (1992, p. 7) contextualiza que “o professor é uma pessoa: e uma parte importante da pessoa é o professor”. Logo o tutor como professor não é aquela figura estática na frente da sala de aula, trata-se então de uma pessoa que vive encantos e desencantos, subidas e descidas, tristezas e alegrias, de carne e osso, enfim tem a sua história de vida a contar.

O contexto dessa história, quer nas lembranças de infância, juventude, solteirice, nas relações familiares ou na escola, ou na igreja, ou na quermesse, são elementos culturais que influenciam na identidade do professor.

A identidade se torna relacional no quadro da história de vida do tutor. A identidade se forma, por conceitos sociais e materiais.

A história de vida se constitui como uma bagagem, um arcabouço de práticas vivenciadas em que o docente enriquece o seu dia a dia, na formação dos seus alunos. É um construto de identidade de ordem dialógica, na relação educador e educando, em que dentro de uma cultura escolar ressignifica, aprimora a sua identidade e modela o aluno.

Esses relatos são raízes sociais que permeiam tanto a vida pessoal como a vida profissional do tutor. Na vida pessoal vai significar valores éticos e morais, exemplo que passa de geração em geração aos seus alunos.

Na vida profissional como aborda Farias (2008, p.60), “destaca a formação e suas relações com os saberes e experiências da docência”. Assunto que ainda vai ser objeto de contexto ao longo deste trabalho.

2.3 Formação docente

A formação docente vai respaldar a indagação se o tutor é professor e se todo professor pode ser tutor.

A Lei 9394/96, nos artigos 61 a 67, advoga politicamente sobre os profissionais da educação, bem como suas finalidades fundamentos e níveis dessa formação, tanto a formação inicial como a formação continuada. A universidade e a escola com a reforma educacional, como local de trabalho dos professores, se tornam os locais dessa formação docente genuína.

A formação docente é um dos elementos indispensáveis ao exercício da profissão de professor. Vieira (2000, p.18), admite que a formação “se refere a três campos específicos de formação: a inicial, a pedagógica e a continuada”. Essa formação acadêmica interfere bastante para um bom desempenho profissional”.

A formação acadêmica tem sido objeto de muitas críticas, discussões pela qualidade e sincronia da integralização curricular, preparo dos professores e organização dos estágios supervisionados. Nessa questão se aponta algumas discussões: que são elementos necessários a formação de um profissional em educação, entre elas a questão que as disciplinas devem ser voltadas a “o que” e “ como” ensinar.

Ainda se advoga, que um curso de pedagogia para ser eficiente deveria valorizar as didáticas específicas, promover melhores estágios supervisionados, ensinar a planejar, avaliar, registrar e contemplar os segmentos de ensino pois observa-se que se aprende muito na prática e que só teoria não completa a formação devida, as duas devem estar aliadas.

O retrato da formação inicial e pedagógica, em que o professor recebe na academia e no construto de sua identidade profissional armazena essa deficiência na fundamentação teórica, na não leitura de obras uma vez que só lê fragmentos de xerox de alguns autores, e até no não saber fazer um trabalho ou artigo científico.

Enfim, diante desse quadro deprimente o professor sai da academia e vai para a sala de aula. Para que um professor consiga exercer seu trabalho com mais segurança e competência, para obter bons resultados é preciso que o mesmo esteja sempre fazendo cursos, participando de seminários, lendo periódicos, indo a programas culturais, enfim procurando sempre estar bem informado para que passe segurança para seus alunos.

Porém a cada momento dentro de uma visão holística e globalizada o professor precisa está atualizado. É a resignificação da identidade dentro de um construto pedagógico e cultural. A profissão professor exige qualificação constante, pois o educador profissional sente em si a necessidade de construir novos saberes.

Outros elementos podem compor o elenco da formação docente. O nível cultural do educador conta muito na sua caminhada, o prazer de ensinar e aprender, a força de vontade em vencer os obstáculos, interesse em fazer novas descobertas, desenvolver aulas dinâmicas, reconhecer o ponto frágil do aluno e ter compromisso ético e político.

Antigamente, acreditava-se que ao terminar uma graduação, o professor estaria apto para a docência o resto da vida. Mas atualmente se pode ver outra realidade, pois se vive em uma crescente transformação de idéias, paradigmas e tecnologias.

O professor deve estar em constante busca de conhecimento, não deve abster-se de estudar, Pimenta (2002, p. 71) comenta que:

“Se quisermos que o professor trabalhe numa abordagem socioconstrutivista, e que planeje e promova na sala de aula situações em que o aluno estruture suas ideias, analise seus próprios processos de pensamentos (acertos e erros), expresse seus pensamentos, resolva problemas, numa palavra, faça pensar, é necessário que seu processo de formação tenha essas características”.

O valor da formação acadêmica possibilita novos horizontes, transformando a vida profissional e pessoal. A aquisição da cultura escolar humaniza informa e transforma.

A formação versa sobre saber pedagógico, a fundamentação teórica que enriquece a prática. Porém a formação também estar voltada para a prática educativa, no exercício da

profissão, no lidar com as situações na sala de aula, e isto de acordo com as idades aborda que enquanto os cursos de formação do magistério não forem voltados para o exercício da profissão, O Brasil não terá uma educação de qualidade.

Percebe-se que as características do professor são comuns ao tutor pois o mesmo exerce a atividade de professor. E que o professor para ser tutor precisa investir na sua formação, ter preparo intelectual no sentido pedagógico, didático e tecnológico para exercer a prática docente com eficácia.

2.4 Prática Docente

A prática diz respeito ao trabalho docente, que no cotidiano da sala de aula vai se desenvolvendo e construindo o saber no educando e no educador. O trabalho docente sofreu várias mudanças no contexto capitalista, o que se pode observar nas estratégias, nos métodos de ensino e aprendizagem, o que irá refletir em um construto contínuo da identidade na docência.

Vale ressaltar que o mundo está em constantes mudanças, logo a postura do profissional da educação, também recebe essa influência, uma vez que a educação deve formar o cidadão crítico, reflexivo e ético para a sociedade.

A prática docente integra a cultura docente que se ressignifica na cultura escolar, de forma que como diz Farias et. al. (2008, p. 69), dá sentido a sua ação educativa e traduz um conjunto de crenças e princípios éticos norteadores da ação pedagógica do professor.

A prática docente tem passado por um período de transição em que o modelo tradicional está em fase de extinção, uma vez que o modelo emancipatório cada vez se aproxima de uma prática docente livre, crítica, reflexiva a serviço da aprendizagem do aluno para desenvolver a sua autonomia numa desenvoltura de saberes que o próprio mundo globalizado tem requerido de seus transeuntes.

Por isso a prática docente não considera mais o professor como o detentor do saber, mas em uma relação dialógica em que o fazer pedagógico é desenvolvido através de um trabalho em que a observação do contexto escolar, vai do nível social dos alunos até as condições de formação que os professores apresentam na unidade de ensino que é a escola.

A prática docente constitui-se como elemento identitário, da formação docente, pois integra o processo de educar. Freire contextualiza, educar é politizar, logo a prática docente é política em si mesma, um processo político, de emancipação, em que o aluno manifesta o seu interior na escrita e na fala, no questionamento e na problematização, dentro da sua visão de mundo.

E o professor constrói nesse processo a sua profissionalidade, exercendo a criticidade em sua fala, em suas ações e na condução de sua prática pedagógica quer na escola, na universidade de forma presencial e ou virtual.

A sala de aula é um lugar de combate, lutas, desafios, transformações em que a prática docente é que vai nortear as perspectivas e tendências de mudanças através de estratégias adequadas para cada aluno, pois acolhe-se aluno por aluno.

Quando se aborda a prática docente, visualiza-se fazer educação, como um processo de mudança social como contextualiza Freire (1993, p. 30), que

“o homem tende a captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos. Assume a postura de um sujeito cognoscente de um objeto cognoscível. [...]. Isto é próprio de todos os homens e não privilégio de alguns(por isso a consciência reflexiva deve ser estimulada: conseguir que o educando reflita sobre a sua própria realidade.”

Esta racionalidade da prática docente é que faz a diferença entre o ser e estar, de modo que essa consciência reflexiva desenvolve no educando a sua consciência política a sua autonomia.

2.5 Saberes necessários à docência

O trabalho docente, é um trabalho de interações humanas, que necessita de saberes e saberes especializados para que a prática educativa possa ser desenvolvida e atinja os objetivos, dentre eles o mais discutido uma educação de qualidade.

Vieira (2000, p. 20), contextualiza que, “o docente é um sujeito de ação, de prática, de fazer [...] deve estar preparado para o constante desafio de emitir julgamentos práticos que envolvem tanto o domínio de conteúdos como o de outras formas de saberes próprios a sua profissão”.

É importante frisar que a docência se constitui também no saber-fazer e no saber-ser pedagógico. Tardiff e Lessard (2008, p. 92) comentam que “um desafio relacionado ao saber dos trabalhadores escolares parece existir nos conflitos de interpretações”. Pois se o “quem faz o que” não repousar “no quem sabe o que”, “os campos de competências entre os agentes escolares serão necessariamente objeto de contestações.” Por isso ser professor é professar e professar é ter conhecimento de causa daquilo que defende do que advoga e do que ensina. E nesta essência elenca-se vários saberes no decorrer desse estudo que permeiam a prática educativa.

Há um universo de saberes em que a docência precisa se respaldar para realizar o fazer pedagógico. Quando se fala em didática, é lembrando que não basta ter conhecimento, é preciso articular teoria e prática, escola e sociedade, conteúdo e forma, técnica e política, ensino e pesquisa.

Várias são as concepções de saberes que permeiam a ação docente Farias e *et al* (2008, p. 73) contextualizam a

síntese das categorizações existentes sobre os saberes docentes: saberes da formação profissional, saberes disciplinares, saberes curriculares, saberes da experiência; saberes das Ciências da Educação, saberes da tradição pedagógica, saberes experienciais, saberes da ação pedagógica, saber atitudinal, saber crítico-contextual, saber específico, saber didático curricular, saberes do conhecimento.

Este elenco de ações são interdisciplinares que se interpõem nas disciplinas, nas tomadas de ações na prática pedagógica como condição basilar para o exercício do trabalho docente. Se não houver uma boa articulação no saber curricular não haverá um bom aprendizado.

Farias *et al* (2008, p.72), comenta que “a concepção de saber como uma atividade discursiva e intelectual corrobora a perspectiva de que decorre das relações que produzem a existência social, o saber resulta da atividade humana como práxis, sua fonte fundamental a qual se efetiva mediante o movimento dialético entre a atividade objetiva e a subjetiva.

O multiculturalismo tem requerido do profissional docente, domínio de conteúdo, o conhecimento da disciplina ensinada, isto é o saber pedagógico que o tutor constrói no cotidiano de seu trabalho e que fundamenta sua ação docente (PIMENTA 2009).

Mas não de só de saber curricular e saber pedagógico vive o professor, mas também do saber da experiência. Este saber abrange várias dimensões que constitui desde a

história de vida escolar em todos em seus níveis, vida profissional desde a iniciação até os dias correntes, experiências vividas e vivenciadas no decorrer de sua trajetória.

É o arcabouço da bagagem da vida, de uma visão de mundo que traz para a sala de aula, revestida de discernimento, perspicácia, perseverança, persistência, marcas que a vida deixou, e que servirão para construir e formar a vida dos alunos.

O saber da experiência, constrói os elementos de uma cultura escolar que se estabelece na prática docente, na identidade do professor enquanto profissional experiente, maduro e convicto de seus compromissos, direitos e deveres.

Esses saberes da formação profissional estão em um conjunto que englobam o saber atitudinal que engloba as atitudes tomadas em meio as situações em sala de aula. O saber crítico - contextual, o saber específico que na ação educativa transformadora evidencia-se o caráter emancipatório do aluno, numa ação crítica e reflexiva.

Nesse novo desafio educacional, a EaD, tem constituído a ação tutorial, exercendo a prática docente e que se torna indispensáveis os saberes conceituais que se ressignificam nos saberes didáticos, pedagógicos e tecnológicos.

Quanto a dimensão conceitual que se constitui do saber, Coll et. Al. (1998, p. 23), evocam “que a aquisição de conceitos baseia-se na aprendizagem significativa, que requer uma atitude ou orientação mais ativa com respeito à própria aprendizagem, [...], deve ter mais autonomia na definição de seus objetivos, suas atividades e seus fins”.

Quanto a dimensão procedimental que engloba o saber fazer, Coll et. al. (1998, p. 77) evoca “o conjunto de ações ou decisões que compõem a elaboração ou a participação é o que chamamos de procedimento”. Os procedimentos são representados conforme Coll et. al. (1998, p. 76) pelos “hábitos, técnicas, habilidades, métodos e rotinas” e estão voltados para a consecução da prática docente na ação tutorial.

Na ação tutorial os procedimentos são reconhecidos no planejamento das ações no conteúdo a ser dado, ou no ambiente virtual ou na aula presencial; Na explicação do que vai ser ensinado ao aluno, no caso da leitura e explicação da ementa da disciplina que faz parte da rotina a cada vez que uma disciplina vai iniciar. Na utilização da tecnologia. Nas habilidades em administrar o tempo para dar retorno aos alunos a respeito de seus questionamentos,

perguntas e dúvidas no ambiente virtual, quando das atividades assíncronas ou síncronas e no cumprimento dos prazos estabelecidos no cronograma da disciplina.

Os saberes procedimentais que englobam o saber fazer, envolvem o saber utilizar as ferramentas no ambiente virtual de aprendizagem, o equipamento, e saber ensinar o aluno também a utilizar. Saber fazer as avaliações de todas as atividades tanto na forma qualitativa e quantitativa de maneira que o aluno possa receber o feed back como resposta para uma nova aprendizagem

Quanto a dimensão atitudinal, Coll et al (1998, p. 122), define a atitude como “uma organização duradoura de processos motivacionais, emocionais, perceptivos e cognitivos em relação a algum aspecto do mundo do indivíduo”. Coll et. al. (1998, p. 132) ainda acrescenta que o “caráter dinâmico” das atitudes está no “contexto da ação”. Os saberes atitudinais movem o aluno a despertar em si o desejo de aprender através da motivação e o acompanhamento.

A ação tutorial se move pela motivação na medida em que o professor tutor desenvolve tanto na sala de aula virtual como na aula presencial, incentivos, apoio aos alunos a participarem das atividades da disciplina que se inicia, a estudarem o conteúdo da disciplina, e finalmente a continuarem no curso quando no término de mais uma disciplina. Entende-se que a participação, a assiduidade e a pontualidade em cumprir a carga horária da disciplina influenciam de forma perceptível no comportamento, na ação e atuação do professor tutor.

Esses saberes docentes contribuem para formação docente do tutor e no processo de avaliação educacional do tutor, também para integrar a ação tutorial na dimensão cognitiva, dimensões afetivas, interativas, motivacionais e criativas e colaborativas éticas.

2.6 Ética e a docência

A ética nasceu na Grécia, no seio da “polis” com a indagação de como enfrentar a vida com dignidade. Isto então significa que o sentido da ética se reduz a realidade da vida humana.

Quando se depara com a palavra ética, associa-se o seu significado a um conjunto de deveres, que se torna um fardo pesado que influencia na vida do ser humano o tornado

escravo. Mas ledo engano, a ética vai ao encontro do ser humano que vive e o caracteriza pelo sentido do que pensa e do que faz.

Sanchez Vasquez (1995, p.12) amplia a definição afirmando que a ética “é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade”. Ou seja, a ciência de uma forma específica de comportamento humano, enfim pode-se considerar como a ciência da conduta humana.

A ética é uma característica inerente a toda ação humana e, por esta razão, é um elemento vital na produção da realidade social. Todo homem possui um senso ético, uma espécie de “consciência moral”, estando constantemente avaliando e julgando suas ações para saber se são boas ou más, certas ou erradas, justas ou injustas. Ademais o homem não nasce ético, se reconhece que a estruturação ética vai ocorrendo juntamente com seu desenvolvimento.

A ética baseia-se em uma filosofia de valores compatíveis com a natureza e o fim de todo o ser humano, por isso, “o agir” da pessoa humana está condicionado a duas premissas consideradas básicas pela ética “o que é” o homem e “para que vive”, logo toda capacitação científica ou técnica precisa estar em conexão com os princípios essenciais da ética. (SANCHEZ VASQUEZ,1995).

Acredita-se como condição básica para ser educador, é ser um profissional conhecedor do homem. Pode-se dizer que conhecer o homem é uma busca incessante de conhecimentos. O docente dentre todas as suas funções, como educador deve ter clareza que aquisição de conhecimentos, competências e habilidades deverão ser acompanhadas por uma educação de virtudes, abertura cultural e o despertar da responsabilidade social.

É importante que no exercício da docência, cada profissional saiba sobre vontade, liberdade, responsabilidade, determinação, moralidade formal, diversidade, bondade, compromisso e praticá-las em suas relações éticas na formação do caráter do aluno.

A ética profissional está fundamentada num conceito direcionado para o desenvolvimento do aluno e tutor, se constitui como guia que orienta e estimula a mudança de comportamentos e amplia a capacidade do professor em pensar no seu papel, a fim de que a sua ação pedagógica seja mais eficiente e eficaz na sala de aula, na escola e na sociedade.

A ética é algo do qual pouco se fala, quando deveria ser na verdade, o alicerce de todos os outros elementos. Pois a partir da ética define-se o comprometimento profissional, político e social do docente.

Destaca-se o comprometimento por parte desse profissional para com a sua prática e principalmente com o público ao qual ele destina essa prática. Se faz necessário estar atento para saber receber os resultados e interpretá-los, lembrando que a boa atuação depende dessa atitude, é quando na verdade se pode perceber se as ações correspondem com as ideias cultivadas e propagadas. As ações éticas vão consolidar esse comprometimento.

Estabelecer a ética no fazer pedagógico, tem muita importância na docência requer habilidade, como assegura Morin (2007, p. 106), “é respeitar no outro, ao mesmo tempo, a diferença e a identidade quanto a si mesmo. [...], é desenvolver a ética da solidariedade, a ética da compreensão e acrescenta é ensinar a ética do gênero humano”.

Vale observar que se está diante de um discurso em que a educação superior, está inserida mas que às vezes a própria universidade se posta como excludente, já que não se exerce a ética de forma apropriada, a ética do gênero humano, que é tratar todos na igualdade, respeitar as especificidades na condução do saber de cada aluno.

Ainda se comenta com muita propriedade é que ainda não se tem um código de ética que norteia a profissão. E ainda se corrobora que, tem profissionais que se dão mal em suas profissões e caminham em direção ao magistério, sem terem ao menos uma qualificação. Não são pedagogos, não são mestres e nem licenciados, são intrusos, bem que se tivesse o código de ética, este poderia podar estas inserções.

A ética docente se fundamenta em uma profissionalização, norteada por elementos importantes, que são imprescindíveis para um profissional como: a capacidade de escutar, compreender, humildade e dignidade. Valores esses que constantemente são necessários na sala de aula, local de trabalho do tutor.

A conscientização do fazer pedagógico em contexto ético, faz pensar em si e também no outro, levar a esta realidade os valores da ética são necessários na vida pessoal, profissional de qualquer sujeito que busca formar e transformar-se em cidadão respeitado e consciente dos seus direitos e deveres.

Pensar em ética na docência, é estar voltado para a auto valorização do trabalho docente, e muitas vezes, é esquecida no cotidiano. A ética permeia a tarefa docente, já que essa profissão está voltada para a formação de outras pessoas. Tomar posse dessa missão docente já se torna ético para enfrentar os desafios que lhe são postos.

A docência enfrenta em seu dia a dia a indisciplina escolar, e a ética deve ser revestida de autoridade. A ausência de limites que vem desde o seio da família, deságua na sala de aula, como fator que colabora para o não aprendizado e desrespeito ao professor.

Pensa-se que deve haver uma regulação. A regulação está assoberbada de leis que não condizem com a realidade social, exprimem repressão e não educação. A regulação social não está no enfrentamento aos alunos, mas numa relação dialogal com autoridade.

A ética na docência, implica em uma dimensão de respeito mútuo, solidariedade, compreensão dos limites, porém conduzir o educando a uma vida digna. E assegura-se que a ética também está investida na consideração de profissionais para com profissionais no trato do espaço de cada um. Pois educação é feita por gente, com gente, prá gente e da gente. É um construto de elementos que formam a docência no fazer e no ser.

Freire (2005, p. 7) contextualiza “Não há docência sem discência”, é um contraponto da relação dialógica, de saberes, ideias e experiências. Nesta relação verifica-se o movimento de aproximação ou distanciamento, de configuração ou reconfiguração, em que o saber da prática pela prática incide na trajetória dos discentes e no trabalho docente.

O compromisso desta relação é fundante na ética, em que a interdisciplinaridade, se constitui como elemento subjetivo que deve ser discutido no cotidiano da sala de aula. Este elemento se constitui subjetivo porque não é palpável, e é sentido, visto, é comportamental, os valores reagem através de pessoas e de acordo com o universo e a diversidade cultural de cada um. Por isso a sensibilidade, a solidariedade na docência é indispensável para avaliar, aquilatar as ações e reações do outro, do discente.

Mas o docente é um agente social da educação e Farias et. al. (2008, p. 76), argumenta com algumas indagações a seguir:

“afinal o que fazemos, tem relação como que somos? As ações realizadas traduzem o que sentimos? a prática por nós efetivada deixa transparecer a forma como nos vemos e somos vistos socialmente? O nosso jeito de fazer na sala de aula quer seja presencial a ou virtual (grifo nosso) acompanha [...] o movimento de aproximação e ou distanciamento para com o educando (grifo nosso)?

Quando se fala em ética, vem à tona a concepção histórica das idéias éticas do mundo material e o mundo que envolve os valores da sociedade. Para os gregos constituía-se a polis, o lugar onde era decidido o melhor para a formação do cidadão. O mundo ético consistia em racionalidade e liberdade. O diálogo deveria ser praticado entre os homens de um mesmo *status quo*.

Na sociedade medieval a concepção de ética passou a ser entendida com fruto de uma interiorização em que o indivíduo perdeu a sua autonomia e passou a depender de sua fé cristã imposta na época pela igreja.

Na sociedade moderna a ética passou a ser identificada no trabalho como um construto de identidade de realização pessoal em que as relações interpessoais estão presentes no Estado, na Sociedade, na Família, e na Escola.

Na pós-modernidade, o conceito de ética tem sido nivelado como um conjunto de regras que regem relações interpessoais e profissionais. Em geral as profissões acoplam princípios em códigos de ética para regulamentar procedimentos, comportamentos, responsabilidades, observâncias, direitos e deveres. A ética se consubstancia diretamente no trabalho do tutor na questão educador e educando . Freire (2005, p.16), clarifica a responsabilidade ética e declara:

“a ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles ”.

O autor considera que a ética deve ser sentida e praticada, deve ser dialógica e humana na relação entre educando e tutor; envolve todos os segmentos; permeia atitudes, comportamentos, desejos, emoções, sentimentos e decisões no cotidiano, enfim envolve as dimensões da vida humana. Freire (2005, p.18), ainda ratifica : “Quando, porém, falo da ética universal do ser humano estou falando da ética enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana”.

A ética que permeia a vida do homem, valora a todas as culturas, raças, etnias, costumes e tradições; ela é universal, porque engloba o ser humano no seu todo, no que tange os direitos e deveres, compromisso e trabalho, responsabilidade e respeito mútuo; não se

constitui de regras anotadas e adotadas, mas por um construto ético sensibilizador e relacional que se torna pedagógico pois o seu cerne é educativo.

A ética se estabelece na relação entre tutor e educando e nas relações de poder. Foucault (1979, p. 176) expressa que: “...as relações de poder nas sociedades atuais tem essencialmente por base uma relação de força estabelecida, em um momento historicamente determinável”.

Nas sociedades atuais, as relações de poder se constituem de várias formas, na família que é a célula *mater* da sociedade, na escola que é considerada o aparelho ideológico do Estado e na Universidade. Imbricados na relação de força, Família e Escola, Sociedade e Estado.

Estas relações de poder promovem um momento histórico, e porque não dizer um momento de degeneração no contexto ético. A família por ter perdido a autoridade. A escola e a Universidade por ainda não ter acompanhado a realidade que lhe está posta. A sociedade por está tecnologicamente globalizada, caminha sem limites, e o Estado sofrendo a ruptura da corrupção política. Ribeiro Luis, Marques e Ribeiro Marco, (2003, p.126), afirmam que : “ a verdadeira superação da ética vigente é possível, mas, só será atingida após um processo de reeducação...”.

Foucault (1979, p. 146), contextualiza que: “como sempre, nas relações de poder, nos deparamos com fenômenos complexos que não obedecem a forma hegeliana da dialética”. O autor preconiza que as relações de poder são instituições que estabelecem a relação de dominação, em que o sujeito apresenta uma situação passiva. Foucault (1979, p.184) ainda acrescenta que : “ o indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão.

O poder passa através do indivíduo que ele constitui. Esse indivíduo que o autor fala, é um sujeito passivo, que se torna dominado, o efeito o subjuga e o constitui como um objeto.

Quando se focaliza o trabalho do tutor, percebe-se o encontro dessas relações de poder nitidamente, pois no contexto da docência, o tutor vai formar outros profissionais, estabelecer a consciência crítica, em que o construto ético requer na subjetividade do ser e do saber.

Cada relação tem um desdobramento individual, em que a aprendizagem se torna uma forma de sobrevivência humana. Nesse contexto o papel do tutor se constitui em atos de decisões, na ação tutorial. Ribeiro Luis & Marques & Ribeiro, Marco (2003, p. 99), advogam que: “Por mais simples que sejam as decisões a serem tomadas, elas envolvem os indivíduos eticamente”.

As Relações de poder objetivamente atuam na concepção de dominação em relação ao sujeito- aprendiz e sujeito- tutor Porém a ética do gênero humano como assegura Morin (2007, p. 105), “a ética propriamente humana [...], instrui-nos a respeitar no outro, ao mesmo tempo, a diferença e a identidade quanto a si mesmo”, Portanto, a ética na atividade do tutor contribui nos aspectos subjetivos para as especificidades da própria vida humana, pode-se observar que a ética permeia todos os elementos formadores da docência.

3 CONSIDERAÇÕES GERAIS

O estudo argumenta os elementos formadores da docência de modo que conscientiza o profissional a sair da mesmice e começar a refletir sobre a sua identidade, levando em consideração a sua história de vida que é a base e vai intervir diretamente na sua ação na sala de aula.

Refletir como sou e como faço, leva o profissional docente, a rever a sua formação, e investir na formação continuada para um melhor aprimoramento na ação pedagógica e aplicação em sua prática docente na sala de aula.

A prática docente, no cotidiano necessita de saberes diversificados para realizar o fazer pedagógico tanto no sentido planejado como nas eventuais ocorrências. A prática docente é uma prática social, e humanizada que exerce cidadania e interfere diretamente na sociedade através da transformação do educando.

O saber crítico leva o discente a desenvolver a sua autonomia, no ideário de sua própria reflexão, e é nesta relação em que teoria e prática docente se fundamentam numa prática educativa reflexiva, a práxis, como uma ação transformadora.

A ética, como elemento formador da docência, implica na postura profissional, na maneira de ser e estar, do fazer pedagógico, e na forma de tratar com a indisciplina escolar que é um dos grandes desafios que se enfrenta nos dias atuais.

Os elementos formadores da docência se inter-relacionam, se complementam, e são diversos e de acordo com a cultura escolar da escola e da época, se manifestam e articulam a teoria e prática.

Urge que esta reflexão possa ser feita por cada leitor, e que a sua práxis possa ser investida de uma ação libertadora e transformadora, construindo e reconstruindo a identidade, adquirindo novos saberes, com uma prática pedagógica consciente e ética na sala de aula de cada dia.

O estudo aponta que para o tutor exercer com eficácia a docência, precisa que esses elementos estejam inseridos na sua ação tutorial, de modo que venham a contribuir nas atividades realizadas tanto na aula presencial e no ambiente virtual de aprendizagem tanto no ser como no estar.

REFERÊNCIAS

BALZAN, N. C; DIAS SOBRINHO, J. (Orgs.). **Avaliação Institucional: Teoria e experiências**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional**, Lei 9394/96, de 20 de Dezembro de 1996. INEP/MEC < <http://www.inep.gov.br>. Acesso em 27 de abr. de 2010.

_____. **Decreto 5622 de 20 de Dez. de 2005**.

_____. **Referencias de qualidade da EaD, 2007**.

COLL, C; POZO, I. J; SARABIA, B; VALLS, E.; **Os Conteúdos na Reforma: Ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

DIAS, A. R.; LEITE, L. S.; **Educação a distância: da legislação ao pedagógico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FARIAS, I. M. S; SALES, J. de O. C. B; BRAGA, M. M. S. de C.; FRANÇA, M. do S. L. M. **Didática e Docência: aprendendo a profissão**. Fortaleza: Líber livro, 2008.

FOUCAULT, M. **A Microfísica do Poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1993.

_____. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 2005.

KADDOURI, M. Dinâmicas Identitárias. In BRITO, V.L.F.A de. **Professores: Identidade, profissionalização e formação**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 7ª edição. São Paulo: Cortez, 2003.

LITWIN, E. **Educação a distância: Temas para o debate de uma agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MORIN, E. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 12. ed. Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2007.

NÓVOA, A (org). **Vidas de Professores**, Portugal: Porto Editora, 1992.

NUNES, A. I. B. L.; SILVEIRA, R. N.; **Psicologia da aprendizagem: processos, teorias e contextos**. Fortaleza: Liber Livro, 2008.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (ORG). **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____(Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente** Textos de Edson Nascimento Campos, ...[et all], 7ªed. São Paulo: Cortez, 2009.

RIBEIRO, L. T. F.; MARQUES, M. S.; RIBEIRO, M. A. de P. **Ética em três dimensões**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2003.

ROSCO, F. A.; O desejo de separação: as competências nas Universidades. *In*. SACRISTAN, J. G. [...]; **Educar por competências**. tradução Carlos Henrique Lucas Lima; revisão técnica: Selam Garrido Pimenta. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SÁNCHEZ VAZQUEZ, A. **Ética**. 30ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SILVA, T. T. (ORG). Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença** 7. ED. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TARDIFF, M.; LESSARD, C. **O Trabalho Docente**. Tradução de João Batista Kreuch 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VIEIRA, S. L.; MATOS, K. S. L. **Educação: Olhares e Saberes**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.